

Steve Bernstein Sexmob

Hugo Carvalhais — *Ascetica*

Liudas Mockunas saxofones, clarinete

Fábio Almeida saxofone tenor

Gabriel Pinto órgão Hammond

Fernando Rodrigues sintetizador

Mário Costa bateria, electrónica

Hugo Carvalhais contrabaixo

Considerado um dos mais talentosos e *sui generis* contrabaixistas portugueses da sua geração, Hugo Carvalhais é um dos segredos mais bem guardados da cena jazzística portuguesa. Após um hiato de sete anos sem apresentar qualquer registo em nome próprio, está de volta com um novo trabalho que não deixa de surpreender.

Depois de três álbuns aclamados internacionalmente com a participação de músicos como Tim Berne, Emile Parisien, Dominique Pifarély, Jeremiah Cymerman, Mário Costa e Gabriel Pinto, surge algo de novo no seu percurso.

Nebulosa (2010, Clean Feed) apresentava-nos o infinitamente grande. *Partícula* (2012, Clean Feed) versava sobre o infinitamente pequeno. Entre estes dois extremos incomensuráveis, *Grand Valis* (2015, Clean Feed Records) questionava a natureza da realidade exterior que percebemos e onde nos movemos no dia-a-dia. E eis que nos deparamos com o novo *Ascetica* (2022, Clean Feed), um mergulho no interior da consciência que sempre esteve ali desde o início da experiência humana. É nesse local insondável que desde a aurora dos tempos nos confrontamos com o mistério, a beleza, o medo, o maravilhamento, a luz e as trevas.

Hugo Carvalhais delinea uma música viva, com uma respiração própria, marcada pela indefinição e pela ambiguidade de uma cartografia sonora tão profundamente distinta e pessoal. O que ouvimos é simultaneamente etéreo e material, onírico e real, contemporâneo e intemporal.

Steve Bernstein Sexmob

Steve Bernstein trompete

Briggan Krauss saxofone alto

Tony Scherr baixo

Kenny Wollesen bateria

Ainda a prosperar e a evoluir, mesmo 25 anos após a sua fundação, o visionário quarteto Sexmob continua a romper todas as noções pré-concebidas do que uma formação de jazz instrumental pode ser. Emergindo da cena de Knitting Factory de meados dos anos 90, o trompetista Steve Bernstein, o saxofonista Briggan Krauss, o baixista Tony Scherr e o baterista Kenny Wollesen mudaram as regras do jogo com a crueza do seu groove e swing, arranjos infinitamente inventivos e um tumultuoso sentido de humor, combinados com os seus altos padrões musicais. Desde a sua estreia, em 1998, o quarteto construiu laços artísticos duradouros e uma química que o mantém fresco e surpreendente. Um concerto de Sexmob não obedece a um alinhamento. Um tema simplesmente não começa, acaba e aplausos no final — “isso nunca aconteceu em 25 anos”, declarou Bernstein. Pelo contrário, os fãs saem para ouvir uma banda que abraça constantemente o risco, seguindo a tradição do já desaparecido Don Cherry, cuja ideia musical de colagem e “infinitos recomeços” se mantém como o princípio mais importante.

Na sua essência, Bernstein e os restantes membros fazem o que músicos de jazz fizeram desde o início, tocando temas populares da sua maneira transformadora. E no meio do processo criaram um terreno aberto em relação a forma e estrutura, arranjo e recomposição (áreas nas quais Bernstein se distinguiu).

Dotado de um espírito moderno que assenta nas raízes do jazz e da canção americana, Sexmob continua a traçar novos caminhos na música criativa do século XXI. A imersão do grupo num vasto campo da música contemporânea é coerente com as experiências camaleónicas de Bernstein com músicos como Lou Reed, Levon Helm, Hal Willner, Sam Rivers, Bernie Worrell, Henry Butler, U2, Little Feat e outras lendas.